

[ROMANCE]

**DOUGLAS JEFF**

---

o menino do meio

Claudia C. Ortiz

---

[ ] [ ]  
[ OUTRAS ]  
PALAVRAS

Biblioteca  
**Parana** **B**

**insight**  
E D I T O R A



**DOUGLAS JEFF**

---

o menino do meio

Todos os direitos dessa edição reservados à:

EDITORA INSIGHT



Rua João Schleder Sobrinho, 668 – 82540-060 – Curitiba – PR

Tel.: (41) 3023-3774

www.editorainsight.com.br

contato@editorainsight.com.br

**Coordenação e produção:** Naotake Fukushima - naotake@nexodesign.com.br

**Auxiliares de produção:** Beatriz Marçal de Melo e Maria Aparecida Bezerra Sousa

**Revisão de texto:** Claudia C. Ortiz

**Diagramação:** Naotake Fukushima, Gerson Luiz Cordeiro, Marina Mendonça e Marlon Gomes

**Autora:** **Claudia C. Ortiz** - claudiacvortiz@gmail.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB-9/1617

---

Ortiz, Claudia Cavalheiro

Douglas Jeff, o menino do meio / Claudia Cavalheiro Ortiz. -

Curitiba, PR : Insight, 2024.

68 p. ; 21 x 14 cm.

ISBN 978-65-88617-98-4

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD ( 22ª ed.)

B869.3

---

PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA,  
POR QUAISQUER MEIOS, SEM AUTORIZAÇÃO DO EDITOR. (Lei nº 9.610/98)

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2024

# **DOUGLAS JEFF**

---

o menino do meio

Claudia C. Ortiz

---

CURITIBA 2024

**insight**  
E D I T O R A



## 1

É tarde. O sol entra pela sala. Odete prepara um suco de limão para o menino que jaz estirado no sofá, a boca meio aberta, um fio de baba brilhando na comissura. O cabelo castanho espalha-se em caracóis pelo tecido estampado, já um tanto puído, do braço do sofá. Flores desbotadas mesclam-se a folhas de um verde cansado, esmaecido, sem viço. Cabelos e flores dormem em volta do menino. Odete deixa o suco na mesa e um bilhete: "Jeff, não vá embora sem falar comigo. Volta no almoço".

Meia hora depois, o relógio cuco achado na rua não badala, o pássaro dorme estropeado dentro da casinha. Por trás, as aranhas são as únicas despertas a fiar. O relógio meio torto na parede, o ruído da cidade ao redor. Grande estrondo, som abafado dentro do prédio, no corredor? Andar de baixo. Não se sabe, fica por isso. Jefferson se move dentro do sonho, cavalga. Os carrinhos de papel e os cavalos, a cidade buzinando, freando atrás, na frente, dos lados, a cidade. Pela janela aberta entra forte uma golfada de monóxido de carbono, e o telefone toca. Jefferson atende dentro do sonho, mas o telefone continua tocando: "Alô! Fala aí..., alô, alô,...". Para por uns minutos, volta a tocar. Abre os olhos mas ainda se sente cavalgando, mole, sem energia para se mover. O telefone para de novo. Ele se levanta, vai a cozinha, olha os armários, as cortinas brancas que sobrevoam o silêncio para deixar passar o vento. Olha pela janela, vê o trem que passa lá embaixo. Mede a passagem do tempo por cada vagão que foge do seu campo de visão, no canto inferior esquerdo da moldura da janela. Ali, diante daquele desfile oblíquo de módulos atrelados uns aos outros, ele sonha acordado com os cavalos que montava saltando do carrinho de papel.

Na sala, percebe o bilhete. Olha cada letra, separadamente, depois olha as letras juntas e as sílabas, que mais tarde saberá que são sílabas. Mas vê tudo isso sem compreender a

mensagem. Compreende a limonada, ali, já quase morna pelo calor. Bebe de uma vez, mas lentamente, só então entende que tinha sede. Sai porta afora, pois não pôde ler o bilhete. Não sabe ler ainda o menino.

Esquina movimentada da rua principal que divide a favela em duas, avista o figurão da polícia discutindo feericamente com a dona do bar. Passa rápido por eles, desaparece virando na estrada de terra, suspira de alívio: “não me viu, não me viu, nem vai me ver...”. Chega em casa. Sua mãe sentada, com o cotovelo escapando da mesa, cochila. A panela chia, o ruído da favela é ameno, há sol entrando por tudo. Jefferson fica olhando para a mãe. Sente à distância o cheiro de cachaça, já cedo. Mas ela pensou no feijão, ele pensa, e pensou em algo enfim nesta manhã, nesta manhã que poderia ser sua última, ser sua para morrer. Não precisaria de feijão para ser enterrada. E, além disso, para quem feijão? Teria feito para ele, teria pensado nele, ou seria para um qualquer que aparecesse na sua porta? Um aparelho de rádio também chia, programa evangélico, uma valsa de Zequinha de Abreu, não se sabe. Só então Douglas o percebe. “Jeff, vá embora agora, vamos!” (Douglas, sob o efeito da cola, é mais camarada.) Ele ouve a voz de Douglas lá dentro, distraído a buscar a saída do labirinto, mas atento ao fora, ao corpo Jeff, à casa-favela, à mãe que cochila, à mãe que é mais um chiado, como o rádio e a panela de pressão. Mas deixá-la para sempre? Não. Ele não vai fazer isso. Não para sempre, mas por um tempo. Pensa deixar um bilhete, lembra que não sabe escrever – Odete, distraída, sempre esquece. Seu bilhete será o pequeno espaço vazio no armário, a falta da única escova de dentes da casa, que era a sua. A única que teve em toda a sua vida, achada no banheiro do bar. A escova era branca, as cerdas achatadas, amareladas pelo tempo, pelas bocas, pelo bom e pelo mau uso. A escova de dentes, duas calças encardidas, mais uma camiseta além da que veste, um calção, outro calção mais curto, o par de chinelos, eis a sua mudança. Jeff vai morar com Odete.

## 2

Entra no prédio. O porteiro lê a página policial. Jeff sobe pelas escadas saltando os degraus de dois em dois, três em três. Três andares que ele não quis subir de elevador. A porta está aberta como deixou. Odete no banho, a porta do quarto também aberta, Paola sentada na cama, faz as unhas.

– Ei, você por aqui? Dona Odete achou que não voltava.

– Jeff está aí?! – a voz embaçada de Odete dentro do box.

– Está. E com a cara suja de sempre.

– Jeff!!! Vem cá! Chega aqui pra gente conversar. Que bom que você voltou!

Ele dá uns passos indecisos, antes larga a trouxa do lado de fora do quarto. Odete vê seu vulto pela cortina do box.

– Oh, Jeff..., que bom..., você não está com fome? – ele move a cabeça negativamente, continua estático apenas observando os movimentos sombreados que se desenham. O chuveiro falha vez por outra, ele pensa que ela terminou, não se dá conta de que seus braços continuam no alto, as mãos massageando o couro cabeludo, o ruído pesado da espuma caindo no piso de azulejo, a cabeça inclinada para trás.

– Você devia lavar o rosto ao acordar, Jeff... – resmunga Paola. – Tá sempre cheio de meleca grudada, risco de caneta, fuligem, sei lá o que mais...

– Deixa ele, Paola. As coisas têm que ser devagar. Primeiro ele precisa comer ao acordar, tomar suco, largar a cola... A sujeira vem depois.

– Quer que eu limpe as suas unhas, Jeff? Posso limpar, cortar e lixar.

– Paola, acabei de dizer! Você parece surda!

Odete desliga o chuveiro, enrola-se numa toalha e sai para o quarto. Aproxima-se de Jeff, dá-lhe um beijo terno por cima da meleca da cara. Ele gosta, ela tem cheiro bom.

– Onde você foi, querido?

– ...em casa, pegar roupa. – fala meio engasgado, um fio de voz.

Odete sente aflorar as lágrimas. Arde-lhe o nariz.

– E onde está? Vamos guardar no seu quarto?

Saem ao corredor. Jeff pega a trouxa, estende a Odete. Paola deixa as unhas para atender o telefone.

– Alô?... Oi, Fer!, a mãe tá sim, já vou chamar. Mããããeeee!!!  
– volta às unhas distraída, esquece de chamar novamente, esquece tudo. Seu pensamento viaja pelos corredores da PUC, onde conheceu Antonio. O “Fer” do telefone acaba desistindo de falar com Odete. Amanhã liga novamente.

Odete, no quarto menor, guarda as roupas de Jeff. Por último, tira da trouxa os chinelos.

– Você já usou alguma vez?

– ...ahã. – mínimo.

– Depois não quis mais? – ele balança a cabeça. – Mas pelo jeito pensa em usar de novo, do contrário não teria trazido, não é? – nada, nenhuma resposta. – Bom, quando quiser, eles vão ficar aqui embaixo. Ah, sua escova de dentes! Vamos colocar no armário do banheiro.

– ...tá calor, quero tomar banho – um murmúrio fatigado.

– Claro! – Odete abre o guarda-roupa, tira de dentro uma toalha. – Toma, esta você pode usar agora e depois, nos outros dias.

Jeff entra no box, faz tudo muito lentamente, mais lento visto de fora, na sombra sinuosa atrás da cortina. Cada vez que o chuveiro falha ele tem um pequeno sobressalto. Cai-lhe várias vezes o sabonete da mão, em cada movimento para pegá-lo sente uma vertigem, efeitos da cola mais o jejum matinal de algo sólido. Odete observa com ternura, viaja na lembrança de quando o conheceu. Mas precisa sair agora, o trabalho lhe espera e...

– Estou saindo, Paola. O que significa este telefone fora do gancho?

## 3

A rua é um carreiro confuso de formigas com sacolas, celulares tocando inaudíveis nas bolsas, nos bolsos, zigue-zague aturdido, casais de todas as idades, heteros e homos, solteiros perdidos buscando outros solteiros perdidos. Odete já sente escorrer o suor pelo interior do braço. Não pensa em nada, apenas segura firme a bolsa, olha para a frente, não descuida os lados, e é como se tivesse olhos atrás. Cruza ruas e praças junto com a onda humana, sente-se no meio de uma inundação. O sol não perdoa as cabeças desprotegidas, ferve-as como num caldeirão indistintamente, ricos e pobres, executivos e vendedores ambulantes. A loja está ainda a três quarteirões e Odete acaba de lembrar que esqueceu o carnê para pagar a conta do forno elétrico. Último dia, não importa, pagará amanhã com algum juro. Não, isso não é nada, mas esquecer também, junto com o carnê, a senha para poder sacar uns trocados de sua nova conta, isso é demais... Com que dinheiro vai comprar comida para a noite? Para no orelhão. Pensando melhor, vai ligar da loja para não gastar cartão. Segue o tsunami. Não sabe bem por quê, mas sente que devia voltar para casa. Paola e Jeff sozinhos... ela não gosta da ideia. Mas chegar atrasada à loja é quase o equivalente a pedir a conta, do jeito que está o dono, por um fio com todo mundo. Segue em frente, o pensamento cada vez mais para trás. Quisera lembrar de algo mais que tivesse esquecido, algo que não pudesse ficar para o outro dia, que não pudesse ser resolvido com um telefonema. Lembrar que vai telefonar quando chegar à loja lhe alivia um pouco. Difícil é que Paola atenda o telefone, se é que já o colocou no gancho; se estiver ocupado ou se ela não atender, Jeff é que não atenderá. Essa apreensão lhe incomoda, não gosta de "portar" intuições. Ser mulher nessa idade é para ela um suplício, mil vozes cruzando a cabeça, tpm, mandinga que fizeram, solidão, tudo junto, e embrenhada em tudo a maldita intuição. Intuição de que sua filha vai constranger o menino, intuição de que o

menino está apaixonado por sua filha, intuição de que sua filha vai tripudiar, de que o menino vai querer voltar para a favela, e finalmente de que ela, Odete, será mandada embora se chegar atrasada hoje. Mas à pior das intuições ela não se atreve a dar ouvidos: a de que sua filha vai engravidar, com apenas dezesseis anos, do professor de Latim. "Você precisa estar atenta, Odete, anda muito serelepe por aí, e sua filha fazendo o quê? Sabe que ela perdeu a virgindade há menos de um ano, e que mudou muito depois disso! Falta-lhe o pai, um pai que seja." E essa voz em sua cabeça, no meio da turba, seria a do pai de Paola, se soubesse que teve uma filha. "Não sabe e não vai saber, se depender de mim. Não quero saber de rabo, homem grude, homem chiclete, homem que parece melhor amiga, no mau sentido, aquela que se acha no direito de ficar ofendida se você simplesmente esquece o aniversário dela. Ora, esquece-se de tanta coisa nessa vida, de um carnê, de uma senha, por que não se pode esquecer de um aniversário?"

Vamos formigas: *um dois, feijão com arroz, três quatro, feijão no prato*, mais um quarteirão e chegamos ao centro do formigueiro, onde nos espera uma guarnição de sapatos e bolsas, agora também cintos e meias três quartos marca...

– Boa tarde, Odete. Quase que não chega, hein! – sempre irônico.

– Como assim? Cheguei com dez minutos de antecedência!

– Só se for no seu relógio, pois no meu são duas horas cravadas.

– Não é possível. Que será que aconteceu? Bom, enfim, estou no horário. Posso trabalhar ou você vai querer encontrar algum outro motivo para me...

– ...mandar embora. É o que você está querendo, não é?

– Não, eu não estou querendo, você é que está querendo!

– Você não devia me afrontar assim, Odete.

– Por que não? O máximo que pode acontecer é eu ir pra rua!

– Ok, vá trabalhar, sua insolente. Se não fosse pelo seu belo par de nádegas, com certeza você já estaria na rua.

– O quê??? Muito bem, então peço minha conta agora e ainda te denuncio por assédio, seu filho da p...

Odete bufava, não podia acreditar no que tinha ouvido. Era a gota d'água. Voltou ao exterior do formigueiro, a garganta queimando de raiva. Ela sempre desconfiou – ah, maldita intuição... – que o dono da loja tinha uma queda por ela. Mas não pensou que ele pudesse chegar a tanto. O telefonema para casa vai esperar. Paola não fará mal ao menino. Paola não é má. É preciso inventar essa intuição agora. Onde mesmo fica a Delegacia da Mulher?

## 4

Dez da noite. A tv ligada passa programa de perguntas e respostas: "Quantas patas tem uma centopeia? Alternativa a: 200. Alternativa b: 300. Alternativa c: 100 patas. Relógio na tela!..."

– *Centoupeira* é o que você é, se não responder certo. Ei, Jeff, você sabe a resposta? Eu sei, é cem patas, claro!

O aparelho desregulado se pigmenta insuportavelmente ora de vermelho ora de azul. Paola se levanta, mexe na antena.

– E dona Odete que não chega? Já estou com fome de novo. Você não está, Jeff?

Ele faz que sim com os olhos, aflito como um cachorro perdido. Paola percebe sua angústia, é a primeira vez que olha nos olhos dela.

– Calma, Jeff, não precisa ficar assustado. Às vezes minha mãe demora mesmo, vai encontrar o namorado. É cedo ainda. Você quer que eu frite mais um ovo? Só que agora não tem pão.

Ele se levanta, vai à janela. Paola à cozinha. Toca o telefone, ela volta.

– Alô? Ahhh, finalmente, mãe...! Estamos aqui com fome! O quê??? Não, tá tudo bem, claro..., você pensou que eu ia botar o Jeff na panela de pressão?, até que não seria má ideia... – ri impiedosamente. – Éh, dona Odete, estou brincando... Ele tá aqui sim, assustado, acho que pensa que você o abandonou. E, aí? Já tá vindo pra casa?... O quê? Delegacia? – Jeff chega perto, os olhos parecem saltar da órbita. – Mas até que horas? E por que não ligou antes, poxa?... Demitida? Putz, estamos literalmente ferrados, pra não dizer outra coisa. Bom, eu vou ter que sair, combinei com a Mana na saída da aula dela. – Jeff sente o ímpeto de sair pela porta e não voltar mais. – Ah, mãe, nem pensar! Você sabe que eu vou toda noite... Vamos fazer o

seguinte, já que o guri tá com a cara limpa, eu levo ele comigo. Periga até ele me proteger, do jeito que conhece a malária da favela... – Jeff se vira bruscamente, o movimenta súbito lhe provoca tontura. – Tchau, mãe. – volta-se ao menino, as mãos na cintura tal qual uma xícara. – Que azar..., dona Odete perdeu o emprego, tá lá na delegacia com o dono da loja que a acusa de roubo, bela roubada... Vamos Jeff, você não vai ficar aqui sozinho, vai comigo até ali na PUC. Conhece bem, não? Por fora, isso sim, mas hoje vai ver como é por dentro. Vou te apresentar meu namorado lindo. Quer conhecer? Ele é professor de Latim, veja só que maravilha eu arrumei. Ainda bem que ele fala português, se não eu estava frita. Por falar em frita, agora não dá mais tempo de fritar o ovo para você. Temos que ir, ou não pego a saída... Lá o Antonio paga alguma coisa pra gente comer. Você gosta de cachorro-quente ou prefere pipoca com bacon? Podemos comprar uma pipoca com bacon e uma pipoca doce, jantar e sobremesa, hummm..., delícia!

Jeff atordoado sai acompanhando Paola que também prefere descer pela escada – sorte dela, se entrasse no elevador, que vive parando no meio dos andares, diante de um concreto sujo e mal-rebocado, ele seguramente lhe escaparia. Ainda não sabe se ao sair à rua irá acompanhá-la, mas acha melhor esse destino que o de ficar preso no exíguo apartamento.

A noite é morna, não há vento. Caminham lado a lado em silêncio, Paola canta: *“ahhh, coração alado...”*, ouviu muito na infância no bolachão de que Odete mais gostava, e que mais tocava. A PUC é logo ali, já se vê o movimento dos carros saindo do estacionamento. O bar da frente está lotado. Os *freezers* não dão conta de gelar a cerveja tal o calor que fez durante o dia. Os alunos reclamam. Jeff e Paola chegam à entrada, ela estica o pescoço em várias direções, não vê quem procura, entram. O saguão vai se enchendo aos poucos. Surge ao fundo Antonio com uma pasta amarela debaixo do braço.

– Ei!!! – grita Paola acenando com o braço levantado por entre altos e delgados estudantes de Direito. Antonio

se aproxima, beijam-se no rosto. Jeff observa de longe, não entende. – Vamos ali para fora, está um calor de matar aqui! Você viu a Mana?

– Não, acho que ela não veio pra aula hoje. Quer um cigarro?

– Opa! – Paola distraída não percebe que Jeff ficou na entrada. – Ei, olha o guri lá!

– Quem?

– O Jeff. Vem cá, Jeff! Não precisa ter medo, não! Putz, vamos lá, Antonio, ele não vai vir..., tenho que cuidar dele, é meu novo irmão “cara de sabão”. – chega perto, segura sua mão. – Jeff você tem que ficar do meu lado! Olha, esse é o Antonio. Aqui ninguém pode saber que a gente é namorado, né, Toni? (é a primeira vez que Paola o chama assim, ele acha simpático).

– Oi, Jeff. Seu nome deve ser Jefferson, não?

– Jefferson Aramis – antecipa-se Paola. – O sobrenome não lembro, tem que perguntar para dona Odete, ela sabe.

– ...Ferreira, é Ferreira meu sobrenome. – Jeff fala com certa ardência na voz e ainda sem volume. Os olhos expressam contrariedade. Não gosta de Antonio, não gosta daquela gente engravatada de malinha preta na mão, quisera dar uma boa rasteira em um deles a passar a mão numa carteira bojudá.

– Vamos indo? Vou deixar vocês em casa.

– Ah, não, Toni, vamos tomar alguma coisa, um refri pode ser.

– Estão com fome?

– Um pouco, minha mãe ligou dizendo que...

– Ei...

– Que foi, Jeff?

– Jefferson Aramis é meu irmão mais velho.

– Putz, é mesmo, desculpe. É melhor não falar desse teu irmão.

– Por quê? – pergunta Antonio com certa curiosidade.

– Por nada..., vamos atravessar? – Paola tenta mudar de assunto.

Cruzam a rua. Muita gente no bar. Difícil chegar ao balcão. Paola não desgruda da mão de Jeff, aperta-a encavalando seus dedos curtos. Ele acha bom e ruim. De alguma forma sente-se necessário, parte de um conjunto. Bebem refrigerante os três. Paola preferiria estar bebendo cerveja mas não quer desagradar a Antonio, seu namorado lindo, que não bebe mas pelo menos fuma, e lhe ofereceu um cigarro e vai levá-la para casa de carro e finalmente dar-lhe um longo beijo de despedida, sem pudor, sem disfarces.

## 5

A noite transcorre mais lenta que o dia, o planeta gira mas não faz vento. A janela aberta para os sonhos, a insone realidade numa delegacia que não dorme. Jeff conhece bem uma delegacia, mas o sonho com Odete acontece em outra, desconhecida. Mistura-se aos ruídos reais da chave girando na porta da sala, dos passos de Odete real, que chega finalmente em casa, da bolsa que larga no sofá, do zíper da blusa apertada que ela abre para folgar o peito, e poder chorar talvez por um dia infeliz, em que não devia ter saído de casa.

Jeff dorme de bruços, lençol limpo, dentes escovados (Paola se encarregou) e barriga cheia. Jeff dorme, talvez pela primeira vez, como um menino deve dormir, numa cama, numa casa, protegido dos desvãos da vida. Seu sono, seu corpo relaxado sabe disso, sabe sem saber, como um pequeno animal, sem precisar saber que sabe. Até a delegacia do sonho se rende e vira uma escola, onde crianças desenham garatujas no quadro de giz, antes do professor chegar. Uma escola? Uma "ex-cola" seria mais justo dizer, onde os pensamentos decidem o que pensar, sem interferências neutralizantes, sem amortecimento, os pensamentos, as ideias livres, respirando num compasso harmônico, pura resposta à biologia soberana, ao alimento, à água, ao ar. O corpo Jeff entendeu que pode dormir, sem estremecimento, sem alucinações, que o banco de praça está no sonho, vazio.

Odete empurra de leve a porta do pequeno quarto. Alivia ao ver o menino que dorme, e por instantes esquece tudo o que passou nesse dia. Tudo se apaga por completo e o que existe é finalmente sua casa, o silêncio noturno e cálido de sua casa no meio da madrugada. Fica ali recostada na porta, e é tal a segurança que experimenta, nesta realidade revisitada, reafirmada, que sua lembrança pode viajar ao passado e ela vê no rosto de Jeff o semblante do irmão desaparecido: os mesmos olhos caramelados que adivinha encobertos pelas pálpebras, a

mesma boca rósea de coração, os mesmos cabelos livres como os de um anjo rebelde, em que mechas mais curtas se enrolam, outras pendem mais longas e revoltas..., mas talvez apenas em um o coração batendo. Em um ela sabe que sim, este que bate suave agora enquanto dorme sua primeira noite de acolhimento. O outro, por onde andar? João Ferreira Jefferson é seu dono: seis anos, foto em preto e branco nos cartazes pela rua, pelas repartições. Jeff, que ela conheceu por acaso, e que agora mora com ela, é o fio que a conecta a uma realidade indesejada. Quisera não pensar nisso agora, agora que vê seu menino dormindo tão sereno, que o sente mais perto, menos arisco, que o tem já em sua casa, com a escova de dentes no armário do banheiro. Mas a noite na delegacia, o tormento da defesa conseguida com tanto custo, o ambiente carregado, que só faz lembrar crimes e injustiças, tristeza, desumanidade, tudo isso junto não tinha mesmo como não lhe trazer à lembrança o pequeno João, a foto estampada no cartaz que alguém afixou na loja onde ela já não trabalha. Apesar da dor que entra sem bater, como se fosse ela a mãe a perder não só o seu menino de seis anos mas todos os outros meninos, que formam uma galeria de rostos congelados no tempo, apesar disso sorri imaginando que tem o menino do meio. O menino do meio e talvez, mais tarde, quando saia da prisão, até mesmo o mais velho, uma família inteira, a força triplicada para procurar o mais novo, que há de estar vivo em algum lugar deste mundo. De alguma dobra do seu coração agitado, nasce-lhe uma ponta de remorso, por ter tirado da mãe verdadeira seu último rebento, o filho que ainda morava na casa com ela. Mas se perdoa, nem chega a se culpar, lembrando logo de ponderar que Jeff só seria mais um a desaparecer, na rua, na cola, na prisão.

## 6

O dia seguinte amanhece ensolarado para variar, um céu que desconhece nuvens, um céu de seca. "Hoje tem que chover!", pensa Odete, "chover um pouco pra refrescar, e não me importa nada, quero um dia de não fazer nada, não sair, talvez..., ir ao cinema, talvez..., quero um dia de *talvez*, não quero nada predeterminado, hoje é sexta-feira, fui despedida – melhor, pedi minha conta – e só a partir de segunda-feira é que vou começar a pensar no seguro-desemprego". A integridade desse desprendimento logo é rachada pela lembrança de que agora tem mais uma boca para alimentar, e que *talvez* devesse ligar para aquela amiga que vive lhe chamando para trabalhar como vendedora de semijoias em algumas repartições públicas que ela não dá conta de atender. *Talvez* devesse ensinar algum ofício a Douglas Jefferson, que já tem treze anos – embora aparente oito, no máximo nove, devido à sua pequena estatura. Poderia distribuir panfletos nos sinaleiros..., não, isto não precisaria ser ensinado, e não seria exatamente um ofício, seria mais uma oportunidade fácil, algo que tem sempre alguém precisando; não, ele poderia aprender jardinagem, isto sim! Mexer com terra, que não precisa saber ler nem escrever, e enquanto isso vai à escola. Odete pensa e repensa, enroscando-se no lençol, olhando a janela aberta, o céu de um azul muito claro. São apenas oito da manhã, ela pode dormir mais. No outro aposento, bem pequeno, dorme ainda o menino, um sono mais pesado, mais profundo que o da madrugada. Ouvem-se bem-te-vis nas árvores da rua fazendo seu costumeiro estardalhaço matinal. Paola também dorme, mas logo estará de pé, antes dos demais, e colocará um disco e sairá para ver as vitrines, as capas de revistas, os garotos no intervalo do supletivo. Precisa voltar a estudar, precisa voltar a estudar..., o duro é driblar a preguiça que lhe segue como uma sombra. Gosta do clima do colégio, da faculdade que agora frequenta na saída das aulas, mas acha um saco estudar. Odete vai colocá-la na parede esse ano, ela

sabe disso: "Ou estuda ou vai trabalhar. Só em casa fazendo as unhas é que não dá!"

O bolachão do Caetano, *Bicho*, gira mudo há mais de uma hora. O ruído é o único na sala, a agulha gastando no círculo menor, como tentando ultrapassar a barreira de papel, o aparelho não desliga sozinho. Odete se levanta, coloca na primeira faixa novamente, canta junto, baixinho quase sem perceber que está cantando. Por momentos esquece que tem mais alguém na casa. Sabe que Paola saiu, pois ela sempre sai de manhã. Mas Jeff, por momentos, se lhe evade do pensamento. Está imersa num sentimento inigualável de liberdade por ter saído da loja, por não precisar ver mais a cara do dono. Três anos trabalhando lá, aguentando desaforo. Era a hora mesmo de mudar de ares. Senta-se numa cadeira, o copo de suco na beira da mesa, seu pensamento é quase um vazio, um alheamento. Punhos cruzados sobre as pernas cruzadas, ela como que deixa a manhã entrar devagar pelo seu corpo. Algo nela tem uma consciência exata do entorno, dos acontecimentos, mas depois de ter sobrevivido ao grande dissabor do dia que passou, ao enfrentamento altamente desgastante na delegacia, melhor nem pensar, só saber que acabou aquilo que parecia não ter fim. Acabou.

Jeff a contempla da porta. Vê-a de costas, camisola azul, descalça, as unhas pintadas já começando a descascar... O cansaço. Sente fome.

"*Vejo que a areia deita, brilhando cada grão...*", ela cantarola quando acaba o disco. Este ela não tem, já teve, emprestou, "que grande roubada emprestar discos, discos e livros...", seu pensamento vagueia. Paola gosta de Caê, oscila entre os cds que tem no armário e os discos de Odete. Tem também uns cds piratas que Antonio gravou para ela. Billy, Ella, Armstrong..., Antonio gosta de jazz. Odete de MPB, das antigas principalmente, e Paola de um pouco de tudo.

Jeff acompanha os movimentos de Odete, olha como ela vira o disco, o cuidado ao levantar o braço da agulha com a

ponta do indicador. Nesse momento, voltada ao aparelho, ela o vê, parado na porta.

– Bom dia!

No silêncio, a resposta.

– Vou colocar uma música pra você.

*“Olha o menino ui, olha o menino ui ui ui...”*

Com um suspiro, Odete decide, pelo menos por um tempo, falar a língua de Jeff. Vamos ver até onde vai a necessidade de comunicação do menino, em que momento sua expressão verbal forçará uma passagem.

Vai à cozinha, encontra no armário um pacote com um resto de bolacha água e sal, come e não lhe oferece.

– ...estou com fome.

– Bom dia, Jeff.

– Estou com fome.

– Bom dia, Jeff!

– Bom dia – sente-se estranho dizendo isso.

– Podemos dividir essa bolacha e depois saímos pra comprar pão. O que você acha?

– Bom.

– O dia está lindo. Podemos também tomar um café na padaria em vez de vir comer aqui.

– Bom.

– Bom, muito bom. Queria que você falasse mais comigo. A gente já conversou outras vezes, tantas vezes! E agora que você aceitou vir morar aqui comigo, vai ficar nesse silêncio, nessa timidez? Está arrependido, é isso?

- Não!
- Ah, que bom... Tome, nossa última bolacha. Quer suco?
- Quero.
- Você dormiu bem?
- Dormi. Sonhei com você.
- É mesmo? O que sonhou?
- Que você tava na delegacia...
- Ai, não me fale disso.
- Espera, foi só no começo, depois a delegacia virou uma escola e você era uma menina que rabiscava o quadro-negro, que não era negro, era verde.
- Os quadros-negros são verdes mesmo. Logo você vai conhecer um.
- Eu conheço, já fui um dia pra escola.
- E tem vontade de voltar?
- Não sei.
- Acho que deveria.
- Eu sei. Tenho que aprender a escrever.
- Só escrever?
- Escrever e ler.
- Ler e escrever.
- Tá. Agora, vamo lá na padaria?

– Vamos, vou colocar uma roupa. Quero que continue me contando o sonho.

Enquanto desciam, Odete percebeu que ele estava usando os chinelos. Guardou para si a alegria.

## 7

O menino come com gosto. A maior felicidade para Odete, mais até do que ele estar morando com ela, é perceber que parece não sentir falta da cola, parece nunca ter precisado dela, isso é maravilhoso.

- Você lembra de uma coisa que combinamos, Jeff?
- Não.
- Tente lembrar, uma coisa importante, bem importante.
- Visitar minha mãe.
- Isso.
- Eu vou amanhã.
- Por que não hoje?
- Porque ela precisa se acostumar.
- Mas ela não sabe que você a deixou, pode estar pensando que você só sumiu por um dia.
- De qualquer jeito vai se acostumando.

Odete fica pensativa. “Estará certo tudo isso?” O menino parece mais animado, mais falante depois de comer.

- Amanhã, não. Acho melhor dar uma semana.

– Está maluco? Pra ela pensar que tem mais um filho desaparecido? Você vai amanhã sem falta. Nosso combinado era todo dia, lembra?

– Eu já fiquei uma semana, até mais, sem aparecer em casa. Ela não liga. Só quer que quando eu volto lá eu dê dinheiro pra ela comprar a cachaça. Diz que bebe pra esquecer o João, mas é mentira, ela já bebia antes.

– Eu já sei de tudo isso.

– Então.

– Mas assim mesmo quero que você vá até lá e diga pra ela que está morando num apartamento com uma família, perto dela, que vai começar a estudar e que vai procurar o seu irmão, certo?

– Não quero ir.

– *Deve* ir.

– Vou quando quiser. Se você me obrigar é que não vou.

– Agora há pouco você falou que ia na semana que vem, agora já diz que só vai quando quiser...

Ele fica em silêncio olhando a parede repleta de cartazes mal colados, explosão de guaraná, sorrisos, confete, chuva de salgadinhos, essa você não pode perder, a promoção *ganhe uma viagem para...* Jeff olha mas não vê. E Odete, o que pode dizer? Sabe que é pior forçar a situação mas precisa criar alguma perspectiva, comprometê-lo com algo útil ou agradável neste momento da vida, de preferência os dois.

– Pois, bem. Então na segunda vamos procurar escola pra você, isso você não vai poder negar. Não queria colocar as coisas desse jeito mas...

– Na segunda. Hoje é sexta e amanhã é sábado, e depois ainda é domingo.

– Jeff!

– ...a gente deixa isso de segunda combinado e agora fala de outra coisa, ou não fala. Tá bom?

Odete, contrariada, dá a primeira mordida no pão com queijo já frio. Ficam em silêncio. Ela sabe que não é produtivo pressioná-lo. Precisa parar e aproveitar o menino ali, todo disponível, conversando. O menino ao seu lado. Lembre-se de que vocês têm um fim de semana juntos. “Vamos ao cinema, Jeff?” Lembre-se de não ser mais uma mãe para ele. Não repetir essa função, pois é certo que ele não fica por muito tempo. Fazer outras proposições. “Você já foi à feirinha de artesanato, Jeff?” Não ser chata, não ser chata, colocar-se no lugar dele, que chato seria ter arrumado uma segunda mãe, alguém que não faz a diferença! Você pode ser mãe no sentido de se preocupar e zelar pelo bem-estar do menino, mas não só isso. Pode pensar em um bem-estar não tão objetivo, não tão óbvio, *“a gente não quer só comida...”*. Caramba, Odete, você já sabe de tudo isso! Pare de despejar em cima dele a sua ansiedade. Lembre de como você acordou hoje, daquele desprendimento, é capaz de lembrar? Evoque aquele sentimento, vamos! Leve, Odete, fique leve, fique “susse”, e não queira tudo pra ontem. Hoje é sexta e amanhã é sábado e depois ainda é domingo.

## 8

A sala está escura. O filme começado, mas bem no início. Os dois se sentam nas últimas fileiras, onde há lugares vazios. Os olhos do menino se arregalam ao ver o tamanho da tela, os efeitos da projeção, do som, não imagina que possam existir telas três vezes maiores, cinemas muitíssimo mais sofisticados e grandes, que aquilo é apenas uma cinemateca.

O filme se desenrola em dois planos: o que é passado é colorido, o que é presente, preto e branco. Não há legendas, Odete escolheu um filme nacional para que Jeff pudesse acompanhar. A música preenche as longas cenas sem diálogo. Por sorte, o circo está no passado é de um colorido quase de brinquedo. Os trapezistas são lilases – a roupa e a pele pintada – e voam no ar com rosas brancas atravessadas na boca, por vezes sustentam-se em apenas uma das mãos e com a outra lançam a flor a outro trapezista que vem voando ao seu encontro. Uns têm rosas vermelhas, uns usam umas tranças tão longas que se confundem com as cordas que pendem do teto e balançam circularmente, puxadas por alguém que não se vê. O trapezista de cabelo vermelho dá uma cambalhota no ar e cai lânguido na rede deixando sua rosa no meio do caminho como que flutuando sem gravidade. Jeff fica extasiado. “Como eles fazem isso, Odete?!”, pensa em perguntar, mas as palavras não lhe saem.

O presente é uma cidade sépia: torres de igreja, um rio com muitas pontes, restos de uma antiga muralha perfazendo o contorno da rua. Alguém recorda o circo olhando a paisagem de sua janela. O rio e suas pontes. O presente também é passado. Será mesmo que Odete escolheu um filme nacional? Isso mais parece Sevilha ao entardecer. Seja como for, não há legendas, há o circo, as cores, a música, rosas encarnadas e trapezistas lilases... Se a cidade é sépia é porque Odete seguramente confundiu os cartazes e entrou com Jeff para ver um

filme espanhol. Não importa, não há legendas, não há diálogo além das pontes que levam ao circo.

Uma menina loura bate palmas, close em seus olhos verdes e úmidos, o pai ao lado permanece concentrado, de repente levanta-se como um boneco, segura a mão da menina e puxa-a para fora do circo. Acendem-se as luzes, Jeff busca a menina na plateia do cinema. “Ela ficou lá dentro, no filme, lá dentro!” Odete percebe seu silêncio, já sabe quando algo lhe trava a expressão. Mas não quis fazer a pergunta mais esperada: “gostou do filme?”. É evidente que ele havia gostado, o suficiente para estar neste silêncio tão expressivo.

– Tudo bem, Jeff? Você parece incomodado.

– A menina ficou lá dentro.

– Ficou. Ficou no filme.

– Ela parecia com...

– ...com a Paola? Parecia. O sorriso, os dentes meio separados, vamos saindo?

Na rua sem movimento, sol ainda forte, os dois caminham e Odete fica esperando que Jeff inicie algum diálogo. Tenta resistir a lhe fazer a pergunta:

– Você gosta da Paola, Jeff? – caramba, ela não resistiu.

– Como assim “gosta”?

– Você sabe o que eu estou dizendo.

– Não quero falar.

– Ok, já respondeu.

– Não respondi nada! Que mania de ficar me forçando! Vou procurar a menina do filme, vou encontrar com ela, daí vou embora da tua casa! Hoje mesmo vou procurar a menina e vou...

– Desculpe, Jeff. – Odete sente vontade de chorar. Senta-se no meio-fio.

– Você me provoca até me deixar nervoso, depois pede desculpa.

– É a primeira vez que te peço desculpa!

– Mas não é a primeira vez que você me faz ficar nervoso. Se fosse meu irmão, já te dava um cacete pra ficar quieta. Com mulher tem que ser assim...

– Você acha mesmo? Você daria “um cacete” na menina do filme?

– Não, porque ela não fala.

– Ah, muito bem. Vou ficar muda então, e vou dizer pra Paola não falar mais com você também.

– Ah, que saco!

Odete mais uma vez não resistiu ao impulso de fazer perguntas, de querer deflagrar a vida de Jeff, mesmo sabendo que não era nem um pouco prudente. Estava arriscando e sabia disso. A segunda vez que pisa em falso, pisa onde não deve. Terreno minado. Já pensa que amanhã não tem mais o menino em casa, “vai desaparecer durante todo o sábado, será que volta no domingo? Por que eu não consigo me controlar, foi só ele dar um dedinho...”.

Jeff cruza a rua sem olhar para trás, caminha decidido e entra pela praça, vai até o meio e dá uns pinotes com o corpo, começa a fazer malabarismos nas barras de ferro coloridas, gira, os cachos do cabelo como molas vão e vêm, sobem e descem; fica por um tempo dependurado pela dobra dos joelhos, os chinelos lhe caem do pé como frutas maduras. Pensa na menina do filme, comunica-se com ela pela fresta do sonho, que sonha acordado mas nem se dá conta. Está no circo, está

na tela do cinema, como um espectro de sol, e vê a menina na plateia, sozinha, batendo palmas para ele e sorrindo. A menina no escuro do cinema é iluminada pelos raios que ele lança enquanto gira nos ferros da praça.

Odete fica olhando do outro lado da rua, sentada no meio-fio. "Já esqueceu", ela pensa, "uff, tomara que me dê uma chance!"

Hora de bater em retirada, Odete. Procurar o Edgar, responder suas mensagens, sair para dançar, pendurar a conta como pendurou na padaria. A partir de segunda a coisa se arranja, voltar à sua vida, *viver* a sua vida! E deixar o menino viver a dele.

## 9

“Alô, Fernández? Oi, Edgar, você me ligou? Tá bom, Fer, te espero lá, então... Não Edgar, eu não estou te evitando é que...”

Muito bem, Odete, você conseguiu fazer uma escolha. Vai sair com o Fernández. Já saiu, está lá na porta do clube. Ele chegou, quis beijá-la na boca, na primeira tentativa você não deixou como sempre, também recusou na segunda e só na terceira é que entregou os pontos, depois de uns goles, claro. Ele pagou a conta, óbvio, se não você não saía, está sem um tostão! Fernández é boa pessoa, mas muito fácil de grudar, Odete assim não quer. Não quer e ponto-final. Ficam amigos que é melhor.

Chega em casa, o zumbido no ouvido, contínuo, pelas várias horas de música alta – pudera, ficaram ao lado da caixa de som. A roupa é um grande cinzeiro marca Continental, quem se lembra? Tira peça por peça na lavanderia com a ponta dos dedos e vai tudo para o tanque sem piedade. Entra no chuveiro, o cabelo não vai lavar a essa hora da madrugada. Touca de banho. Bahh, vai dormir com o cabelo cheirando a cigarro? Perfumes para cabelo já existem, Odete. Caros, importados, tem que juntar dinheiro. Tem um da marca... Ah! Que água fria! Rápido, só para tirar o suor, vamos! O suor e os radicais livres. Sabonete, lavar o rosto, aproveita e escova os dentes, toalha. Ufa, nem cinco minutos, o suficiente para dormir com alguma “dignidade sanitária”, se isto é possível.

Sai do banheiro, resolve dar uma espiadinha no menino. Abre devagar a porta levemente encostada: a luz da noite, de lua cheia e céu limpo, entra pela janela do quarto sem cortina e deita sem pudor na cama vazia – *maja desnuda* em lugar do menino. Silêncio. Odete fica por um momento sem saber se está triste ou de antemão resignada, sabia que o havia importunado o bastante. Mas ele volta, Odete, não sofra por antecipação. Olha o armário, suas coisas estão lá! Se ele tem algum apego a isso, é bola na rede, você tem uma chance.

Jeff, na verdade, trabalhou cuidando de carros e juntou dinheiro para jantar um cachorro-quente no Amiguito, esquina da PUC, entrada da favela, e para voltar à cinemateca amanhã. Vai comprar seu ingresso como qualquer cidadão e vai encontrar a menina do circo. Hoje dorme em casa, na casa da mãe. Ela não o viu entrar nem vai o ver sair. O importante é que sua cama está lá, como sempre.

Dorme Jeff, agora dorme. "Onde você mora, Jeff?" Não importa. Pergunta boba. Odete é legal mas é chata. Não sei se volto. Volto, não volto. O duro aqui é o barulho dos camundongos na cozinha, do outro lado do armário azul que separa as duas peças. Na casa da Odete não escuto nada de noite. É bom dormir lá, às vezes o elevador rangendo, mas só. Aqui é essa viração dos ratos dentro da pia. "Você é que pensa que é só dentro da pia! Não vê no dia seguinte por cima do fogão os cocozinhos?" (Douglas acordado dando palpite.) Jeff não dá ouvidos, continua no seu devaneio. Por que eles gostam tanto de panelas vazias? Acho que minha mãe não lava direito as panelas, deixa com gordura, e o cheiro chama os bichos. Deve ser isso. Agora esqueço o barulho e durmo. Não sempre dormi?

Jeff tenta esvaziar a mente, "vaca amarela" com o pensamento. Mas a cabeça é um ruído de projetor de cinema. A primeira vez, inesquecível... Sombras e luzes riscando o escuro da sala. A menina de olhos verdes e sardas no nariz: Paola. "Como pode uma pessoa ser tão parecida com a outra? Um dia vou entrar no quarto da Paola, deitar do lado dela bem de fininho, sem fazer barulho, e adivinhar se ela está sonhando comigo. Ah, se não for..., ah, se for com aquele sequela... Que será que é latim? Não faço a mínima ideia." O pensamento de Jeff, exausto mas acordado.

Dorme, guri. "*Nana neném...*", cantava para o João. E o João? Dorme e não pensa nele agora, não pensa, não pensa. Mas ele tá na minha cabeça, rindo o desdentado! Não pensa, Jeff! Não deixa ele entrar no teu sonho, sonha agora com a menina, os olhos tão verdes e úmidos... Sai, João, sai daqui, porra!

Você desapareceu, se esqueceu? Quem desaparece é porque sumiu, não pode ficar no pensamento dos outros! Sai pra lá, piá. Vou chamar o Aramis se você não me deixar dormir. Ele já vem e te dá um cacet.... Beleza, ficou quieto. Vou dormir agora, amanhã te procuro. Não. Amanhã, não. Amanhã tenho um encontro marcado com a minha noiva.

## 10

Jeff sumiu faz uma semana. Odete, enquanto isso, para não ficar pensando bobagem ou dando ouvidos a ideias inde-sejáveis, para estar menos ansiosa quando ele voltar e, principalmente, para aparelhar-se com algo que lhe oriente sobre os caminhos e descaminhos dessa fase delicada da vida chamada juventude, refugia-se na Biblioteca Pública. Ao contrário de fugir, ela busca um lugar para se encontrar. Seguramente estará encontrando uma parte de si em cada livro que escolha para ler. Logo na primeira visita, a sincronicidade inesperada, um livro intitulado: "O que quer um jovem?". Odete acomodou-se em uma das mesas e o folheia com sofreguidão. O que lê nas primeiras páginas é suficiente para lhe motivar a renovar sua carteirinha, há tanto tempo guardada, e emprestar o livro. Em casa, lê sem parar e confirma algumas "intuições" que tinha a respeito de Jeff. O livro tem depoimentos que lhe doem um pouco, que mostram a maior escravidão como aquela vivida dentro dos próprios limites interiores. Ser, não-ser. Lembranças da infância, a maioria tão recentes que parece hoje, outras tão distantes... Fronteira tênue entre o passado e o presente. O futuro, um túnel a atravessar. Ser adulto, um lugar distante, um filme de ficção científica, *Blade Runner*. A maior escravidão, esse desconforto de estar no presente, sabendo que para os outros já é futuro, para os "adultos", que comem à mesa com ele, que podem chegar em casa à hora que bem entenderem e não precisam dar satisfação, que quando falam têm opinião formada sobre as coisas, falam e os outros escutam, prestam atenção.

O jovem é hostil porque, e quando, se sente ameaçado. Defende a construção dessa identidade que clama por existir – o instinto de sobrevivência do eu –, que lhe é exigida, e a qual portanto ele tem de criar, fazer falar pelo seu corpo, pela sua voz, ainda que sinta com alguma frequência que alguém joga com ele, e não é o Jocker, uma carta de que dispõe para ganhar

a partida. Não. É antes o Ventríloquo, distorcendo suas palavras, emitindo um sentido que ele apenas aventou, gaguejou, nos bastidores desse eu. De onde se espia, pelos buracos dessa cortina de pele, se vê sempre de perfil, de costas, ou não se vê. Mas o Ventríloquo o faz falar. E ele, o jovem, por não conseguir *expressar-se* de maneira autônoma, acaba por se sentir fraco e querer então *eximir-se* de toda a responsabilidade pelos seus atos, fragilidades, cagadas, escorando-se nesse mágico intrometido que sustenta seu pescoço. Tipo, “a culpa é dele, não é minha!”. Tipo, “não pedi para nascer, ou para nascer essa dúvida em mim”. Gosta de menino, não gosta de feijão, gosta de menina, detesta agrião. É torcedor do... mas não viu o jogo. Alguém sabe o placar? É filho único, seu pai se matou. Trata bem as mulheres, aprendeu com seu pai, ele escutava música clássica. Agora é o homem da casa... “Minha namorada ia me dar um husky, minha mãe não deixou porque a gente mora em apartamento”. Ainda vai ter um husky. Não podia estar bebendo porque toma remédio. Antidepressivo. Gosta de fazer racha de carro à noite. Gosta de música sertaneja, sim, por que não? “Custa..., me empresta que amanhã eu te pago!” Fala um pouco de inglês, gosta mais de inglês do que de espanhol. “Não, não é *drive tru-e*, é *drive thru*. Segunda-feira começo a fazer estágio no Banco... atendimento nos caixas automáticos. Tudo bem, eu já tô indo. Só mais uma cerveja. Só mais uma, eu juro.”

## 11

– Prometo que vou “te forçar” menos, Jeff, quero ser legal, tua amiga, e não uma segunda mãe chata, mas será que posso perguntar onde você dormiu nesses dias?

– Pode.

– E então...?

– Um pouco na minha casa, outro pouco na casa do Sandro, meu amigo.

– O Sandro, aquele bem mais velho que você?

– É. Ele tem 19 mas fala comigo de igual pra igual. Tá me ensinando capoeira, deixa eu ficar lá na academia com ele...

– E o que você fica fazendo lá?

– Eu?

– É, Jeff, você!

– Ah, eu fico ajudando ele.

– Ajudando como?

– Eu arrumo os pesos, ponho óleo nas máquinas, junto os colchonetes, várias coisas...

– E também faz exercício?

– Só um pouco de acrobacia. Vou ser artista de circo.

– É mesmo?

- Vou te contar uma coisa só se você prometer que não vai falar na Paola.
- Prometo.
- Fui ver de novo aquele filme mais duas vezes.
- Mesmo? Como você entrou?
- Eu comprei ingresso, ora!
- E como conseguiu dinheiro?
- Cuidando de carro.
- Mesmo?
- É. Cuidei na sexta e no sábado. Sabe a Scrobo?
- Não, o que é isso?
- A Scrobo! Perto da rodoviária!
- Não sei, Jeff.
- Ah, é uma boate, pronto. Cuidei de uns carros ali, até cinco da manhã.
- E juntou dinheiro pra ver o filme duas vezes.
- Só pra ver o filme não! Ainda deu pra comer nas duas noites.
- Poxa, então o pessoal te deu um bom dinheiro!
- Mais ou menos, é que o filme na cinemateca é barato.
- Bom, e aí vendo o filme você decidiu ser artista de circo.

– Eu já gostava antes.

– E agora o que pretende fazer?

– Agora?

– Quero dizer *daqui pra frente*.

– Ah, pensava que era agora-agora! Você tá sempre pensando em amanhã, depois de amanhã, semana que vem, ano que vem...

– Agora-agora, Jeff, o que você quer fazer, então? Agora-já.

– Bom, a gente podia... ir no zoológico! Eu nunca fui, você me leva?

– Claro que sim. Domingo de sol... vai estar bonito lá. Podemos convidar a Paola?

– Só se ela não levar o "Palito".

– Que Palito?

– Aquele namorado dela que eu não vou com a cara.

– Bom, eu não sei se ela vai querer convidar o Antonio, tenho que perguntar.

– Ah, então vou chamar o Sandro pra ir junto.

– Você é quem sabe, Jeff. Vou me arrumar. Quer um suco enquanto isso?

## 12

Gato ou cachorro? Mais “na sua” ou mais “na do outro”? Mais independente, seguro de si, centrado, focado em sua existência, autossuficiente! O gato. Anda por onde quer, volta quando quer, o gato *quer*. Inseguro, objetal, o cachorro. Anda por onde o dono anda, sua existência está constantemente condicionada à de um outro, que lhe é deus onipotente, a quem dará sempre a outra face. Como é que nunca pensaram que o cachorro deveria ser um animal sagrado, um animal exemplo para os “homens de boa vontade”? – tem algum país em que é, parece. Fidelidade incondicional, abnegação, o cachorro é monoteísta. Já o gato, desprendimento absoluto, desejo manifesto, só se aproxima por interesse, e esse interesse é condicional, vai elegendo aqui e ali, de acordo com o vento, seus muitos deuses falíveis. Que grande incompatibilidade, que grande dialética nesses dois animais-espelhos do homem.

Jeff olha os animais e sua diversidade no zoo. Caminha em silêncio, fascinado, pensa no circo, um circo assim ao ar livre, em que os animais fossem visitados em seu habitat. Pensa em arquibancadas imensas, e os animais vistos do alto. Reconstitui na mente uma foto do Coliseu que viu numa revista, mas não lembra que foi numa foto, tem a sensação de ter sonhado – este Coliseu que imagina é três vezes maior e mais alto. Na entrada do zoo – sonha Jeff – seria dado a cada visitante um potente binóculo para a aproximação aos detalhes, ao beijo das girafas, ao acasalamento dos gorilas...

Odete olha o “animal” Jeff e vê ali um gato. Lembra da análise de um dos capítulos do livro sobre o jovem, e conclui que este é, na sua essência, um gato. Um gato menos independente do que já fora na infância, menos sincero. Será aí quando começamos a nos tornar cães? Quando abrimos mão de nossos ideais, de nossos sonhos permitidos – permitidos porque afinal somos jovens? Quando saímos de cena, deixando que interprete nosso papel a pálida figura do desencanto, e nos

identificamos ao velho ideal fracassado de todo mundo? Os adultos, aqueles seres que perderam o seu jovem – porta-voz último da sua criança-gato –, que deixaram-no pelo caminho em nome da maturidade... Os adultos são os cães povoando o planeta, sempre prontos a baixar a cabeça. Odete pensa em contextualizar essas ideias, conclusões suas e do livro, temporalmente. E é tomada pelo pensamento de que hoje somos mais cães que antigamente, hoje sonhamos menos, abraçamos menos causas, nos juntamos menos com os outros para realizar projetos, idealizamos no íntimo sem contar para ninguém e não encontramos energia para colocar em prática. “Quando, de novo, movimentos históricos relevantes para a cultura, por exemplo, como a Semana de 22, o Tropicalismo?”, ela pensa – ou sonha, como Jeff.

Mas os gatos estão por aí! Os que se sentem confiantes para empreender. Um tanto desaparecidos no meio da multidão, mas presentes, safando-se, ou ao menos fruindo a vida, se não se encontra maneira mais edificante de viver. Se são minoria, não dá para dizer. Odete sabe disso e não generaliza, apenas faz um recorte situando-se entre os chamados “passivos”. Mas será assim? O pensamento dá voltas, desenha espirais, e uma ponta de desconfiança lhe faz como que olhar através de um postigo, interiormente. Abre-se uma janela instigando a ver mais longe, ver e duvidar. Não, não é isso. Não pode ser. Pois acaba de lembrar, nesse momento mesmo, que sabe também ser gato. Fosse cão, estaria trabalhando ainda na loja, teria dado a outra face ao chefe-deus. É preciso saber dizer “não”!, ela pensa, olhando os saguis distraídos, “mais não do que *sim*”, ao contrário do que diz certa canção. Hoje tem de ser assim. Dizer não à mídia engolidora, ao consumismo desenfreado, ao filho, ao companheiro, quando, mesmo sem saber, eles vêm como cães disfarçados chamando o seu cão interior, com o qual você já tem de brigar tanto. “Que venham gatos e eu responderei como gato!”, sendo livre como Jeff, desapegada como Jeff, fiel apenas à sua inquebrantável sinceridade de criança-gato.

Odete deduz de tudo isso que *o que quer um jovem é fazer viver sua criança, mesmo sem sabê-lo, mesmo pensando que o que quer é alcançar a maturidade. Pois não é aí que mora a tão sonhada independência. Este é seu maior engano. A independência, definitivamente, não é ter cartão de crédito, carro do ano, casa na praia, mulher e filhos, a independência é não ter, para então ser.*

## 13

Jeff e Odete conversam animadamente, como os bichos humanos conversam, no banco de trás do carro. Antonio e Paola derivam por outros assuntos, nos bancos da frente. A FM, por sua vez, está noutra frequência, no painel do carro. Os limpadores de para-brisas, para completar a algaravia, emitem como que um apito arranhado e agudo cada vez de novamente subir empurrando a água contra a lei da gravidade. Isto quer dizer que chove! Chove finalmente depois de tanto tempo.

Odete: ...trocar borrachas, Antonio! Paola: ...carro velho é assim mesmo. Antonio: ...professor nesse país não é valorizado, vocês sabem. FM: *"Não há amor sozinho, é juntinho que ele fica bom..."* Antonio: ...ganha mal, não tem dinheiro pra trocar as borrachas do limpador de para-brisas! Paola: ...esse negócio deve ser barato, Toni. Antonio: ...outras prioridades, Paola. *"...meu amor é tanto, é um encanto que não tem mais fim..."* Jeff: ...ahã. Paola: ...ãh?? Odete: Ahhh... Antonio: ...sim, o acasalamento acontece no... Jeff: ...quero voltar lá!, quero ver de novo a... *"...quem me dera eu pudesse ser a sua primavera e depois..."* ...não é?, então! ...nada, ...girafas se beijand... você viu os...

O trânsito, agora em meio a uma chuva mais amena, está aliviado. O domingo se alvoroça com a frescura da tarde. Mãos firmes no volante, atenção redobrada, mas alegria acima de tudo, volta para casa, reconfortante. Há gente que saiu de casa para tomar banho de chuva. Passando pela rua principal, que divide a favela em duas, os festivos domingueiros veem, pela janela embaçada do carro, gente que recolhe a água com panelas amassadas, latões e até mesmo copos de cristal Cica. Jeff pensa em sua mãe, quase decide fazer-lhe uma visita. Há quatro dias que não aparece. A ideia escorre pelo para-brisas, o limpador empurra para cima, ela volta. Não, Jeff decide que não vai. A água volta, a ideia, não.

– Você já tomou banho de chuva, Odete?

– Não, Jeff, nunca. Você já?

– Nossa..., um monte de vezes.

– Deve ser bom, assim com esse calor então!

– Então, larga esse guarda-chuva e...

– Isso, mãe. Passa ele aqui pra mim, que eu não tô a fim de me molhar.

– Antonio estaciona na frente do prédio.

– Eu não vou descer, Paola. Tenho que preparar aula para amanhã.

– Ah, Toni...

– Então, vamos descendo nós, Jeff, na chuva mesmo, vou aceitar teu convite.

– Ah, nessa chuvinha de nada, tinha que ser antes!

São Pedro arrasta novamente seus imensos móveis de madeira maciça bem em cima da favela.

– Taí, Jeff. A chuva vai apertar outra vez. Vamos?

– Vamo lá.

– Vou ficar aqui um pouco com o Antonio, mãe. Desliga o carro, amorzinho?

– *Ai, Toni...* – Jeff faz uma voz miada, torce a boca de um jeito engraçado e desce do carro afundando o pé no charco da rua.

Mais um grande empurrão de São Pedro, e é como se desabassem as portas de seus gigantescos armários, as tampas das arcas envergassem para trás rompendo as dobradiças, ficando

fragilmente penduradas por um dos lados... Cai o aguaceiro bonito. Segundo tempo. Agora, já abastecidas as jarras, as panelas, é hora de lavar a roupa. Jeff e Odete lavam-na no próprio corpo, à frente da entrada do prédio. Ela abraça o menino, já sentindo um pouco de frio. Ele fica envergonhado, se desvencilha de seus braços e vai para o meio da rua. Dança com o corpo todo desconjuntado, algo que lembra a Odete o antigo *brake*, hoje *street dance*. Mas ela vê Michael Jackson nos áureos tempos, *Triller*. O menino é um artista. Agora já luta capoeira com um parceiro imaginário, feito de chuva. Odete ergue os braços, deixa a chuva lavar, sente a massagem nas costas, depois no rosto. O moleque não cansa, está como que possuído pela torrente, agora parece que imita os gorilas que viu no zoo, dá uns gritos, diz frases ininteligíveis. Odete resolve subir.

– Você vem, Jeff? Agora quero um banho quente.

## 14

Abrem a porta do exíguo apartamento. Sentem a água nos pés. Por tudo, há água. As janelas abertas, claro.

– Jeff, eu não acredito... – Odete fica desolada.

O menino, ainda em estado pluvial, movendo-se sem parar como um quati, ia expressar um sorriso, quiçá uma gargalhada, por achar aquilo o máximo, mas é contido por uma visão inesperada: duas cadeiras deitadas na porta da cozinha, vedando sua passagem, deixam entrever pelos requadros que formam o encosto e os pés, um rabo negro, muito fino, de um gato. Logo um movimento e um gato inteiro. Jeff se aproxima devagar. Odete ainda não viu. Está se lamuriando pela água que entrou por tudo, nos quartos, até mesmo no banheiro onde a janela é menor. Os shampoos pelo chão, a cortina do box caída... Ah, o banheiro onde ela pretendia estar tomando seu banho quente...

Agora Jeff, já com meio corpo para dentro da cozinha, não sabe se ri ou se acha aquilo muito curioso: uma selva aparecer de repente dentro do apartamento, ele não podia explicar. Além do gato de rabo fino, um cachorro pardo, e a seu lado, de costas, outro cachorro, acinzentado de sujeira; mais ao fundo, na lavanderia, mais outro gato, amarelo, e como num quadro de Velázquez mais dois vistos como que em jogo de espelho, brancos.

Depois de se convencer de que não era efeito de cola – pois não tinha cheirado cola –, Jeff só encontra cabimento para uma cena assim bizarra transportando-se imaginariamente para dentro do cinema. Claro, aquilo deveria ser um filme: o circo dos cães e dos gatos. Enquanto Odete não vinha, estava na lida para consertar a cortina do box, Jeff podia dar asas à imaginação brincando de fazer virar passado aquela cena do presente. Os gatos brancos seriam azuis, verde o gato negro, rosa o cachorro pardo, e laranja o cachorro cinza. “Ora, como

é que os gatos se mantinham ali se podiam saltar pelas cadeiras?” Este era agora o problema para o roteirista Jeff. O fato é que já haviam saltado e, coincidentemente, no momento em que ele e Odete chegaram, estavam todos na cozinha, talvez porque aquele era o único lugar seco do apartamento.

Odete finalmente sai do banheiro.

– Consegui arrumar a porcaria da cortina, agora vou... Ei, Jeff, o que você está olhando aí na cozinha? Nossa... – ela para e fareja olhando em volta – que cheiro horrível de cocô!!! Uiii, é a minha sandália... devo ter pisado em cocô lá no zoológico.

– Não, você pisou aí mesmo perto da mesa.

– O quê? – Odete olha para o chão e vê as marcas fecais dos doces felinos. – Que cocô é esse, meu Deus?

Ergue a cabeça e olha para Jeff, franze o cenho. Dá uns passos na direção da cozinha, entre decidida e intrigada, espichando o pescoço por cima do menino. Quando olha para dentro do cubículo cozinha-lavanderia, fica muda por alguns segundos. Vira de costas, olha para o nada, volta a olhar os animais, volta a ficar de costas. Um gato salta para a sala, passeia, pisando ainda mais delicadamente sobre a água, e entra no seu quarto.

Jeff, nós precisamos de um rodo, apenas de um rodo por enquanto.

– O que você vai fazer?

– Vou escoar essa água para fora.

– E os bichos?

– Que bichos?

– Os bichos aí na cozinha!

- Não tem bichos na cozinha, Jeff... Onde você viu bichos?
- Ah, você tá brincando...
- Jeff, por favor, você faria um favor pra nós?
- Fala.
- Desce e chama a Paola.
- Beleza. – o moleque some pela porta. Odete já entendeu tudo.

## 15

– Mas você já sabia da ONG, mãe!

– Eu já sabia da ONG, mas não autorizei abrigar animais em minha casa.

– É só até amanhã, eu já disse! Vou falar com o Antonio e a gente sai cedo pra levar os bichos pra chácara.

– Essa sua amiga Mana deve ter cocô de gato na cabeça.

– Fica sossegada que eu limpo tudo, deixo tudo em ordem. A Mana, coitada, tinha me pedido mas não pensei que...

– Então comece pela minha sandália porque eu vou sair. Aqui não durmo.

– Ah, mãe, não seja assim...

– Eu vou sair, Paola! E amanhã quando voltar não quero ver *signal* de gato ou cachorro por aqui. Você entendeu?

– Tá, você vai dormir fora, mas e o Jeff?

– O Jeff é bem grandinho e sabe se virar. Além disso, se não quiser dormir aqui tem outras duas casas, não é Jeff?

O menino não gosta nada da ideia de ter que decidir onde vai dormir. Não queria pensar nisso agora. Queria deitar na sua cama e sonhar com os bichos do zoo numa tela muito colorida de cinema... Aperta os lábios e faz uma careta. Que saco isso agora!

– Bom, eu vou ligar para o Fernández e me arrumar. Por favor, limpe minha sandália.

– Porra, mãe, você é f...

– Paola, não quero um pio!

– E essa água toda pelo apartamento? Isso não foi culpa minha!

– Isso seca.

Odete se fecha à chave no quarto.

– Essa agora, Jeff... a gente ficar aqui sozinho, ter que secar o apartamento...

– Eu tô saindo fora.

– Ah, não!!! Não quero ficar sozinha! – bate no quarto de Odete, faz que vai chorar, mas lembra que pode chamar seu namorado lindo para ficar com ela e... – Tudo bem. – faz uma voz de quem ficou muuuuito contrariada. – Eu fico sozinha, então.

Jeff já sumiu. Odete sai do quarto com uma sacola grande da loja cheia de seus badulaques e uma toalha na cabeça.

– Já falou com o Fer?

– Já, ele está vindo me buscar.

– Você tem sorte que o cara faz qualquer coisa por você.

– E você tem sorte de eu ter pena de bicho e não devolver todos eles pra rua agora. Ah, e quero a cozinha um brinco, hein! Lugar de fazer comida, de guardar alimento... O “bicho” vai pegar amanhã se não estiver tudo limpo.

– Caramba! Agora é que eu tô conhecendo a mãe que eu tenho!!!

– Não faça drama. Adeus.

## 16

A ideia da ONG não sai da cabeça de Jeff: "ONG, primeiro palavra engraçada, depois um negócio difícil de entender mas que parece legal. Qualquer um pode participar, tem pra animais, deve ter pra gente também!". Paola e Odete já falavam nisso há dias e ele ia pegando por alto. Com sua costureira "atenção desatenta", como dizia Odete, ele já tinha entendido a essência da coisa. Pensava em criar uma ONG para ensinar as crianças da favela a ler e escrever. Assim que possível ia conversar com Odete sobre o assunto. Ou não. Podia fazer-lhe uma surpresa. Já pensou? Jeff trabalhando antes mesmo de ir para a escola? Ela ia ficar contente. O que ele mais gostava do que sabia sobre ONGs era o fato de elas serem desvinculadas do governo, porque ele não gostava do governo. Se o governo fosse bom não tinha gente morando na favela, ele pensava, não tinha gente matando nem roubando. Então, governo pra quê? Só pra contar vantagem.

Na segunda-feira de manhã chegou ao apartamento quando Paola e Antonio colocavam os animais no carro. Pediu para ir junto à chácara e foi. Lá ficou maluco com tanto bicho, e todos eles soltos pelo descampado. Tinha mais de 800 animais entre cachorros e gatos, ouviu a Mana explicando a Antonio. Esterilizavam, davam remédio, faziam amputações, mas precisavam de ajuda, conta bancária número tal, a ração era cara. Jeff ouvia tudo, dessa vez com "atenção antenada". Quase ia pedindo para ficar lá trabalhando mas lembrou que a escola não podia mais ser adiada, sentia-se um menino incrivelmente responsável agora. Queria estudar e voltar lá com pacotes enormes de ração, e distribuir para a bicharada ele mesmo, agradando um por um e sabendo o nome de todos, pois todos tinham nome. Sim, ele voltaria.

Depois da ida até a chácara, passou um tempo na rua, vagando pensativo. Muitas coisas na cabeça. Mas a cabeça fresca, fazia tempo que não tinha tontura de cola. Nunca

mais ia cheirar cola, pensava. Podia criar uma ONG para ajudar os meninos viciados. Eram tantas ideias...

Próximo à favela tinha uma escola estadual com o portão aberto, entrou. Era uma e meia, horário de as turmas da tarde entrarem alvoroçadas para as salas. Jeff imiscuiu-se em uma delas, sentou no fundo da sala. A professora começou a aula. Aula de matemática, segundo ano, ele achou complicado. Ficou para a segunda aula, ciências, gostou mais. No recreio, passeando pelos corredores internos da escola – por sorte ninguém se importou com ele – deparou-se com um cartaz que outra vez lhe fez pensar em ONG, e em algo mais. Tratava-se justamente de uma ONG dedicada a registrar o desaparecimento e auxiliar na busca de crianças desaparecidas. Viu muitas fotos ali, procurou a do João, claro, “mas o João nunca tirou foto! – lembra – como podia ter foto dele ali?” Lembrando isso do João, lembra que ele, Jeff, também nunca tinha tirado foto, vai pedir a Odete hoje mesmo. Terceira aula: português. Ufa! Agora sim. Ficou ligadíssimo. Saiu já sabendo umas coisas. Amanhã vai voltar mas vai entrar numa turma de primeira série. Soube que era no outro corredor. Tinha que pegar o português mais do começo senão ia ser muito difícil acompanhar. As crianças do segundo ano já liam textos inteiros e ele mal sabia umas palavras que o Sandro tinha ensinado. “Caramba, ele ensinou a palavra inteira, mas preciso aprender letra por letra! Já sei que *P* mais *E* faz *PE* e depois *S* mais *O* faz *SO*, com som de *Z*, e as duas juntas fazem *PESO*.” Lembrou de uma frase que aprendeu a ler na academia, e escreveu: “*Depois do uso, retire e guarde os peso no armario.*” Será que era assim? Não, não é “os peso”, é “os pesos”, e armario tinha acento, mas onde mesmo? No “i”, “armário”. Acho que era assim. Não, na dúvida, deixo sem acento. Sempre que tem *A*, eu sei, no *armario* tem dois *A*, ou dois *AS* (As também é de baralho). *O* eu já sei, no *armario* tem um *O*. *M* mais *A* faz *MA*, que tem no *armario* e no nome da minha mãe,

Marta. No meu nome tem *D*, depois tem *O*, que tem no fim do *armario*, tem *U* de *gUarde*, tem *G* de *garde* também, tem *L* de... *L* não tem na frase da academia. *A* tem no *armario* duas vezes e duas vezes no nome da minha mãe (ah! *O* tem em *Odete* e em *PaOla*...), *S* tem em *peso*, mas com som de *S* mesmo. Pronto: *Douglas*. Agora *Jefferson* (por que será que meu nome tem dois *effes*?): *J* tem em... não tem. *E* tem no *peso*, em *Odete*, em *depois*, no *retire* tem dois, e no *guardE*. *F* não tem, *E* de novo, *R* tem no *retire*, no *guaRde*, *S* tem no *peso* de novo, *O* tem em... e *N* não tem.

## 17

Naquela segunda-feira mesmo, depois da aula, Jeff começou a trabalhar nos semáforos. Precisava urgentemente comprar caderno de caligrafia, queria ter letra bonita. Escolheu um ponto movimentado do centro da cidade, em que o sinal vermelho durava cerca de 50 segundos. Dava tempo de fazer os malabarismos e recolher o dinheiro em vários carros. Na esquina tinha uma padaria, podia parar e fazer lanche quando cansasse. Mas Jeff não cansava. Ficava como que hipnotizado com o movimento dos limões no ar... Era muito habilidoso, raramente os limões caíam no chão. Abria um semáforo e ele já ia para o outro, andando em L, não perdia tempo, chegava no meio da faixa de segurança já com os limões trançando-se no ar. Não fazia reverência antes de começar, como alguns estrangeiros, mas agradecia em cada carro que lhe dava alguma moeda com um sorriso que era uma reverência. Os motoristas, homens, mas principalmente mulheres, se encantavam com ele, com o movimento espiralado dos seus cachos castanhos, espetáculo à parte. Aliás, precisava cortar o cabelo, dizia-lhe Paola, já começavam a confundi-lo com menina, ele não se importava.

Só no primeiro dia de trabalho já tinha para lanche e caderno de caligrafia. Mesmo assim, à noite, foi à entrada de um teatro e ficou lá até acabar a função (ele pensava com terminologia circense), cuidando de carros. Nisso ganhou mais uma boa quantia, que ia guardar por enquanto, pensar no que gastar. Escova de dentes nova, cortar cabelo. Não, cortar cabelo ainda não. Ajudar Odete a comprar coisas para a casa, isto sim, era justo. Ela estava sempre preocupada em fazer suco pra ele, em ter um pãozinho no armário. Pois bem, desta vez *ele* iria comprar o pão e fazer suco para ela. Neste momento, lembrou que esqueceu da sua mãe na favela. Mas sua mãe andava bem servida lá com a vizinhança, que nunca deixava faltar comida, mesmo que ela se preocupasse muito mais com a cachaça.

Não pensar na mãe agora, não pensar. Depois que as coisas estivessem mais arranjadas, ele sabendo ler, escrever, trabalhando na ONG das crianças, no circo ou no cinema também podia ser, depois ele iria lá conversar com a dona Marta. Quando quem sabe, mais velho, se confundisse com Aramis, porque ela só pensava no dia em que o Aramis ia sair da prisão, ou no dia em que iam dizer para ela que viram o João em algum lugar, num cruzamento da cidade pedindo trocado. Só pensava no filho mais velho, seu filho preso injustamente, por quem ela rezava todos os dias, e no filho mais novo, roubado dela sem piedade. Só pensava neles, neles e no marido, morto no acidente do coletivo, justo no dia em que ela paria o pequeno João. O João Ferreira, que foi homenagem ao nome do pai e, não fosse pela ideia de Aramis quando foi registrá-lo, de colocar um Jefferson no final, teria o nome do pai igualzinho. Aramis, com Jeff pela mão, registrando o irmão mais novo: "Ele também vai ser Jefferson, certo Jeff?". Assim ficou. Um Jefferson no começo, um no meio e outro no final, dos nomes, da vida.

E assim também se sentia Jeff: no meio, sem pesar, sem sofrimento ou rancor pelo descaso da mãe. Sua adolescência era um meio bom da vida que estava no meio, era bom estar assim, nem lá nem cá. E pensava que, na verdade, todo mundo estava no meio, mesmo os bem velhinhos, pois o fim ninguém nunca ia saber como é. No meio da rua, ele e seus limões, no meio do circo em breve (ou o circo ali imaginado, que nada impedia...), no meio da tela do cinema, um beijo no meio do filme na menina da plateia, sem o pai do lado, é claro.

Por falar em beijo, já estava de olho numa menina da escola. Ela tinha olhos verdes como a do filme, tinha os dentes um pouco separados, só não tinha sardas. Nem tudo é perfeito. E seu nome, que ele descobriu quando a professora fez a chamada: Paloma. Ah, isso era demais! Tinha de ter um nome desses? Tinha. Então tinha de ser ela a sua namorada, estava decidido. E era com ela que ele queria que fosse sua primeira vez. Só um problema, ela devia ter no máximo nove anos. Como ele ia

esperar tanto tempo? "As meninas deveriam começar mais cedo, não teria mal nenhum!", ele pensava. E logo vinha-lhe o Douglas lá de dentro dizendo que só ele mesmo para pensar uma coisa dessas, que absurdo... (esse Douglas era meio suspeito, meio papagaio da dona Marta... ela é que falaria uma frase assim!...) Mas Jeff sinceramente não entendia o porquê do absurdo. "Paloma, Paloma eu vou te esperar, minha noiva."

## 18

– Douglas Jefferson Pontes Ferreira...

– Presente!

Fala meio tímido, mas com orgulho, olhando na direção de Paloma, que logo percebe seu sorriso e se encabula. Odete conseguiu uma vaga para Jeff no segundo ano da escola estadual que ele frequentava furtivamente. Não deveria, estava fora das normas, mas ela conseguiu. Muita desistência nesta época do ano, carteiras vazias, escola meio desorganizada, a sorte dele. Teve que fazer uma prova antes de entrar, por pouco não passa. Matemática, claro. No português foi melhor que a encomenda, aulas particulares com Sandro na academia, com Odete em casa, toda noite, mas principalmente com Paola e Antonio. Aprendeu a ler lendo. Os dois só orientavam, corriam uma ou outra palavra quando ele escrevia errado. A verdade é que a professora tinha simpatizado com ele assim que o percebeu sentado no fundo da sala. Fingia que não via para não ter que tirá-lo da sala. Quando Odete foi conversar, ela ficou contentíssima, disse que dariam um jeito, era só falar com a diretora que era “um amor”. Se havia vagas, não é mesmo? Por que deixar uma criança na rua? Tinham de fazer seu papel social. E quanto à série? Ele devia entrar no primeiro ano. É, isso é verdade, mas não tem problema, ele acompanha. Já tem treze, não é mesmo? Vai estudando as lições em casa, vocês tem que acompanhar. Não tem problema, a gente acompanha. Então! No primeiro ano talvez ele se sentisse muito infantilizado. Agora tem de perder o medo da matemática! Eu não tenho medo de matemática, só não gosto. É, mas ele tem que aprender a gostar! Não se preocupe, a gente vai ajudar. Ótimo, então ele pode começar a frequentar a escola, vamos ter o maior prazer em recebê-lo, parece um menino muito inteligente... “Certo, Jeff. Agora acorda. É bom encarar a realidade, que na vida nem

tudo é dado assim de mão beijada. No sonho tudo se encaixa e tem o final que a gente quer, mas na vida..." Tá bom, Douglas, já entendi. Sonhei acordado. Ou será que sonhei dormindo? "Calma. Você está com muita pressa. Quer entrar na escola?" Quero. "Com nome na chamada?" Claro, e com foto numa carteirinha! Preciso tirar foto. "Então, vamos lá, conversar com a diretora, ou o diretor." Eles não vão me deixar entrar no segundo ano! "Quem sabe?" Só no meu sonho mesmo... Ah, Paloma, até quando vou poder sentar do teu lado sem a professora ver, sem você falar pra professora: "Ei, tem um menino novo aqui..." Queria me transformar numa mosquinha azul e ficar pousado no teu caderno, deitado de barriga para cima só olhando pra você, linda, escrevendo. Ou ficar no teu cabelo feito uma fivela, cheirando o perfume dele, hummm... Ah, até quando..., já consegui dois dias, mas já andam me olhando torto. A professora, não. Não olha pra ninguém, só nos livros, e no quadro-negro que é verde e eu já sabia. Quando olha no fundo da sala olha para a parede, acho que pensa que a gente tá colado na parede, igual os cartazes com as letras coloridas. Eu sou D J, Paloma é P, e os meninos que fazem bagunça são Z Z Z Z ou X X X X... Às vezes ela dá uns gritos, depois fica de costas escrevendo no quadro e ninguém copia. Só Paloma copia. Paloma é tímida, fala 'presente' tão baixinho! Ainda bem, se falar mais alto a professora vai olhar e me ver do lado com cara de D J P F assustado, fora da lei e..., até quando..., vou amanhã de novo e depois de amanhã se der..., já estou aprendendo um monte de coisa..., logo vou contar para a Odete e... Geografia é massa... o mundo gira..., uma bola que não é bem bola, é assim meio... em volta do sol..., dia e noite..., girando..., gir...

Jeff dorme finalmente.

## 19

Odete quer dar uma atenção a Jeff e não está conseguindo, passa o dia nas repartições vendendo semijoias e *lingerie*. Tudo muito barato. Expõe quando a empresa permite. “Logo ali, ao lado da cantina, a Odete, aquela morena simpática...” Às vezes Jeff vai com ela, fica sentado atrás da mesa, com seu caderno, escrevendo. Já aprendeu todo o alfabeto, mas não sabe ainda unir certas letras para fazer os sons. Odete tenta explicar, ele não entende. Melhor pedir à Paola, ela diz, Paola é boa nisso. Jeff vai escrevendo todas as palavras que ouve: “Caussinha”? Não, Jeff, é com C e com L, “calcinha”. Ahhh...! “Pata, brinco de pata. Correntina de oro. Cuaremta reals”. Ihhh, tem muito erro aí! *Prata*, igual *brinco*, tem R, *correntinha*, com NH, *oro* não, é *oooouuuro*, Jeff. Espera aí, tenho que atender agora. Mas tá indo bem. Continue.

– Boa tarde, ver semijoia? Os preços estão ótimos! Ok, vai levar esta. Ótima escolha. Jeff, como está indo, deixa ver...

Biblioteca Pública, o próximo endereço. Vender semijoias na biblioteca é que não. Levar Jeff à biblioteca. Claro, como ela não pensou nisso antes? É a leitura que vai garantir seu aprendizado. Num piscar de olhos ele vai estar escrevendo tal qual lê: palavras certas, letras nos lugares certos, sem tirar nem pôr, sem trocar nem faltar, é só uma questão de ler e ler e ler... Jeff já escolheu os livros que quer emprestar. Mas não quer emprestar no nome de Odete, quer ter sua própria carteirainha, e com foto!

– Ok, Jeff. Então vamos tirar foto para fazer sua carteirainha, mas não vai dar tempo de voltar e emprestar esses livros hoje.

– Ah, queria ler hoje...

– Então, estes a gente empresta no meu nome!

- Tá bom. Mas amanhã sem falta!
- Amanhã sem falta, Jeff. Ei, por que essa ansiedade toda para tirar foto?
- Outro dia te falo. E você, não vai levar nenhum livro?
- Eu estou com um emprestado em casa. Aliás, tenho que trazer pra renovar.
- Como é o nome?
- “O que quer um jovem”
- Que nome!... Eu não sei o que eu quero.
- Não sabe?
- Ah, sei mais ou menos.
- Bom, pelo menos você se encaixou no *jovem* do título.
- Claro! Criança é que eu não sou.
- Ok, ok.
- E o que diz no livro que o jovem quer?
- Diz um monte de coisa. Meio difícil de explicar porque não é assim *ele quer uma bola de futebol*, entende?
- Ahã. A gente não sabe muito bem o que quer. É uma confusão na cabeça. Principalmente na hora de dormir.
- É mesmo, Jeff?
- É. Mas eu sei, eu digo que não sei, mas eu sei.
- Como é isso? Sabe ou não sabe?

– Sei! É que me confundo com a minha cabeça mesmo!  
Minha cabeça parece que fala sozinha, fala sem eu querer.

– Mas o que você sabe, então?

– Que eu quero estudar e trabalhar.

– E o que mais?

– E... namorar uma menina.

– Hummm...

– Não é quem você tá pensando!

– Eu não pensei nada.

– Jura?

– Juro.

– Então, é uma menina que você não conhece.

– Leve ela lá em casa qualquer dia.

– Tá.

Fazer um lanche para Jeff e sua futura namorada, Odete está feliz. Mesmo com toda a correria da vida, agora que entrou com uma ação trabalhista contra o dono da loja – além do assédio, havia irregularidades no recolhimento do fundo de garantia e horas extras não pagas, coisa antiga que ela resolveu reclamar. Anda às voltas com as audiências, as testemunhas, etc. Para defender seus direitos sem gastar dinheiro, que nem teria de onde tirar, ela tem o “santo” Edgar, seu fã número 1, que é advogado e está quebrando o galho. Mas, mesmo com tudo isso, trabalho e reclamação de direitos pelo trabalho,

quanta coisa ainda por fazer com seu jovem companheiro, sua nova companhia. Ir ao campo de futebol, torcer, gritar, fazer ola, confundir-se com bandeiras e camisas. Ao cinema, muitos filmes para ver. Ao teatro, pela primeira vez. A reação de Jeff quando a cortina se abrir, e corpos vivos ali representando, corpos-atores, o cenário mudando, tudo em tempo real, magnífico. Viagens, a primeira vez que vai ver o mar. Emoção, talvez comoção. O mar é muito grande! Jeff vai achar a coisa "mais grande" que existe no mundo, a coisa maior do mundo. A água do mar é salgada, Jeff, sinta! Hummm..., é bom... E a primeira vez do amor, quando, onde, com quem? Vai esperar Paloma. Ah, Paloma...

## 20

O que quer Paola? Jeff se pergunta. Paola também é jovem. Ele precisa de algum comparativo.

– Paola?

– É. Fiquei pensando ontem.

Odete não sabe muito bem o que responder. Mesmo em se tratando de sua filha, não é fácil dar uma resposta assim objetiva. Talvez justamente por se tratar de sua filha. Quanto mais perto, parece que menos sabemos das pessoas. Talvez ela quisesse apenas namorar, talvez casar, coisas relacionadas com o amor. Natural numa adolescente. Sobre sexo, falava que gostava mais das “preliminatórias”. Preliminares, Paola!!!, Odete ficava louca... Ela não prestava atenção. Queria ficar bonita para o namorado, unhas decoradas, prancha no cabelo, mechas, tranças, tererês coloridos, tudo muito colorido aliás. As roupas, os acessórios. Sem dinheiro, frequentava os brechós, meias listradas até os joelhos, plataforma, claro, nada de bico fino. Saia plissada, jaquetão jeans, tinha estilo a Paola. Brincos de argola, gigantes, batom com purpurina da Elke Maravilha, baratinho, comprado na farmácia. Às vezes, mudava completamente de ideia, trocava o psicodélico pelo colegial, pelo hippie, acendia incenso de jasmim no quarto, influências da amiga Mana, queria ler a sorte de Odete, de Jeff, de quem pintasse, tinha um baralho de cartas recortadas de uma revista. Andava falando também em signos.

– Pisciano é assim mesmo... (referindo-se a Jeff)

– Como é, Paola? – Odete franze o cenho.

– É. Ele é de Peixes, não é?

– É, 2 de março.

- Então.
- Quem te falou isso?
  - Isso o quê? – sempre distraída, agora com a acetona que acaba de virar na cama.
- Que pisciano é assim.
- A Mana.
  - Eu só conheci mulher de Peixes até hoje, homem não
- fica pensativa.
  - Mas é. A Mana tá me explicando astrologia.
  - Então o Jeff é assim porque é pisciano... não deve ser só por isso.
  - A Mana me perguntou o ascendente dele. Você sabe?
  - Não, não sei.
  - Deve ser Touro.
  - Eu não sei – Odete se distrai também, coisa de família.
- Por que Touro?
  - Porque ele é assim, birrento, e parece um tourinho, moleque de 13 anos com 1 metro e 45 de altura! Deve ser desnutrição.
  - Talvez. Mas parece que o pai dele era baixinho também.
  - É o “Mal do Século”.
  - Que Mal do Século, Paola?!!!
  - É, o Mal do Século ora...

– Você viaja. (*“O que quer a jovem Odete de 38 anos?”*)

– Eu acho que o Mal do Século é a desnutrição. Qual o problema?

– Que você não sabe o que está falando. O Mal do Século é a “de-pres-são”!

– Beleza. Não vou discutir, mãe. Me empresta aquela tua saia indiana hoje?

## 21

Última audiência. Odete espera justiça, uma boa indenização que seja. Pagar contas atrasadas, resgatar uns brincos de ouro que empenhou na Caixa há dois anos. Ah, seus brincos de ouro, que saudades... Sofá novo para a sala, não seria má ideia, mas não é prioridade. Dentista, claro. Está precisando fazer tempo. E dentista para o Jeff também. Tem que comprar uma frigideira nova, aquela com o cabo quebrado não dá mais. Tanta coisa, tanta coisa... A cabeça é um burburinho.

Entrada do edifício. "Esses cartazes estão por tudo, a ONG faz um bom trabalho". Jeff tinha visto o cartaz, da outra vez que foi com Odete, e antes de entrar pede para ficar no semáforo. Tinha até os limões no bolso. Odete consente. Entende a mensagem. Pela primeira vez, Jeff pensa que pode jamais encontrar o João. Se pelo menos tivesse uma foto dele para colocar no cartaz... Com o tempo, a foto que tem na cabeça vai ficando borrada, fora de foco, e logo pode não lembrar mais como é, como era, o rosto do irmão. Ah, esse bolor que vai se criando na memória, nas imagens que a gente queria guardar...

Enquanto espera, na sala de espera, Odete lê o seu *O que quer um jovem*, está nas últimas páginas. Enquanto Jeff, no semáforo, faz triangular seus limões, espera. Jeff espera de um jeito diferente. Sua espera é abstração e torcida. Sabe que Odete está lá, que o momento é decisivo. Seu malabarismo é sua reza. Douglas, que assiste de dentro, está constantemente alertando, "cuidado aqui, cuidado ali, aquela senhora atravessando, o sinal vai abrir, agradeça o moço que lhe deu moeda". Jeff tenta não pensar no João – hoje, ele não sabe por que, tá doendo um pouco pensar nisso, parece até que está chegando o fim do livro e ele não encontrou o João. Não encontrou e não vai encontrar. Droga. Todo livro devia ter final feliz... Para não pensar no João, ele pensa no Aramis, seu irmão que foi um pouco seu pai. Quer visitar o Aramis. Homens não deviam ser presos, nem homens nem bichos, ele pensa. No zoo, os bichos

ficam soltos em suas ilhas, com árvores e natureza e lago em volta. Como podem os homens ser presos? O homem, único animal predador da própria espécie, ele ouviu alguém dizer. Os outros animais só matam os da própria espécie para se defender. Mas seu irmão, Jefferson Aramis, nunca matou ninguém. Não podia estar preso assim como se fosse um predador. O que ele fez foi vender cocaína para os caras que iam buscar na favela. Os caras iam buscar! De carro importado os caras iam. Ele só vendia porque os caras queriam comprar. Jeff estava meio atordoado de pensar nisso debaixo do sol. Melhor não pensar, Jeff. Amanhã pede para Odete te levar visitar o Aramis. E não vale chorar, Jeff, que você já é um homem! (Douglas às vezes é durão, mais durão que o Aramis até. Não dá colher de chá ao menino do lado de fora). Eu sou homem nada!... Sou homem só porque não sou menina. Então sou menino! Mas também não sou menino, porque não sou criança. Ah, dá um tempo, Douglas... Não me confunda. Sou jovem, pronto. Gostou dessa? Ficou quieto agora? Minha namorada, Paloma, é menina, tem nove, mas eu sou jovem (homem tem que ser mais velho...). Só falta agora você perguntar *e o que quer um jovem?* Pronto, já perguntou. Pela minha cabeça ainda por cima, o intrometido... Por falar em "cima" (será que escreve com S ou com C? com C!), limões pra *cima* que o semáforo fechou e Odete está lá em *cima*. Toma, Odete! – Jeff lança mais alto seus limões –, uma limonada para te dar sorte.



Douglas Jeff - o menino do meio foi impresso no papel Avena 80g com os tipos Figtree Regular 10,5/13,5 e Figtree Bold 13,5/13,5, pela Plena Print, para a Editora Insight, em dezembro de 2024.



## SINOPSE

Esta é a crônica da vida de um menino carente, da nova família que o abriga, e dos retalhos da família antiga na favela, numa típica metrópole do terceiro mundo dos anos 2000. Douglas é o filho do meio, como sugere o subtítulo, e seu irmão caçula é uma criança desaparecida. Essa busca é um dos pontos sensíveis do livro, juntamente com a adaptação do “menino do meio”, uma criança visivelmente arredia, ao novo lar: Odete, uma trabalhadora do comércio, e sua filha, que tentam incansável e amorosamente integrá-lo à sua vida.

## A AUTORA

Claudia C. Ortiz é escritora gaúcha radicada em Curitiba, graduada em Letras e mestre em Literatura pela UFPR. Com ampla experiência como revisora e tradutora de publicações acadêmicas e literárias, também atua como professora de português e espanhol. Nascida em uma família de artistas, escreve desde a infância, transitando por diferentes gêneros, e publicou em 2004 o romance A Gérbera Rosa pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Além disso, mediou oficinas literárias para crianças e adolescentes e mantém um canal no YouTube, onde compartilha conteúdos sobre flamenco, literatura, música, gramática e comportamento. Claudia dedica-se à arte flamenca há mais de duas décadas, unindo sua paixão pela cultura à sua formação acadêmica e literária.

[ROMANCE]



Avalie o livro  
neste QRcode